

O PAPEL DO LIVRO INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: a leitura e a escrita como apropriação e construção de sentidos

Gabriele Damini de Souza (UFSC/PIBIC)¹

Fabiana Giovani (UFSC)²

Eixo temático: 6. Alfabetização, cultura escrita, tecnologias educacionais e outras linguagens

Resumo: à luz da perspectiva de que o texto se configura como espaço de enunciação e de interação, assumimos a leitura e a escrita como atividades de construção de sentidos e propomos investigar, neste artigo, o papel da literatura no processo de alfabetização. Filiamo-nos, portanto, à teoria bakhtiniana e, com apoio da metodologia do paradigma indiciário, analisamos uma proposta de exercício prático, realizado com duas crianças de sete anos, que cursam, no ano de 2021, o segundo ano do Ensino Fundamental. Esta proposta tem como base a premissa de que todo texto, como um enunciado concreto, é produzido dialogicamente e, dentro do diálogo, pode ser compreendido, interpretado e respondido. Para realizar este exercício, selecionamos o livro “A Visita”, escrito e ilustrado por Antje Damm. A análise das duas produções mostra que o livro infantil pode ser um instrumento que potencializa a apropriação da modalidade escrita da língua e, quando trabalhado a partir da perspectiva enunciativa, estimula a criança a expressar a sua compreensão, bem como a dar sentido a obra literária a partir do lugar que ocupa no mundo.

Palavras-chaves: alfabetização; literatura infantil; estudos bakhtinianos; paradigma indiciário.

Introdução

Desenvolver uma pesquisa que tem como objeto de estudo o texto produzido por sujeitos socialmente situados, implica assumir uma perspectiva teórica que perceba a

¹ Graduanda do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bolsista PIBIC do CNPq. E-mail: gabrieledsouza@outlook.com.

² Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orientadora PIBIC do CNPq. E-mail: fabiana.giovani@ufsc.br

linguagem como um meio de interação social e o sujeito como *ser expressivo e falante* (BAKHTIN, 2017). Pensando nisso, desenvolvemos nosso trabalho dentro da teoria proposta pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin e seu Círculo de estudos e defendemos – assim como Giovani (2006, p.13), ancorada em Geraldi (2002) – que a linguagem “[...] permite aos sujeitos a compreensão do mundo e como estes devem agir nele”, dentro dessa perspectiva, o texto, como unidade discursiva, se configura como “[...] o espaço onde ocorre a constituição desses sujeitos e de produção da linguagem é a interlocução, ou seja, a interação do “eu” com o “outro””.

Por conseguinte, propomos construir uma investigação acerca do papel do livro infantil no processo de apropriação da modalidade escrita da língua e, portanto, temos como objetivo principal pesquisar a atividade de leitura e de escrita, a fim de perceber como ela pode contribuir para a formação de leitores literários. Segundo Queiroz (2012, p. 39),

O letramento literário entendido como acesso à dimensão cultural e estética da escrita possibilita diversas leituras que extrapolam o próprio texto, pois, a partir do universo ficcional, o sujeito é capaz de sentir, se emocionar, imaginar, correlacionar, criar, recriar, transgredir, conhecer, construir, desconstruir, elaborar, ressignificar imagens e sensações, ideias e conceitos, sonhos e verdades e, dessa forma, apropriar-se do universo que o cerca e, sobretudo, de si mesmo.

Isto posto, por meio de um exercício de aplicação, pretendemos perceber como duas crianças em processo de alfabetização apropriam-se da palavra do outro para construir sua própria escrita. Para isso, selecionamos o livro infantil “A Visita” – escrito e ilustrado por Antje Damm. Esta se justifica, pois o livro apresenta o que Paiva e Oliveira (2010, p. 21) consideram “[...] uma proposta ficcional que atenta o imaginário dos leitores e os excita a compor novas possibilidades para perceber o mundo a sua volta”. Como destaca a própria autora, em entrevista concedida ao portal de notícias Itaú Social:

Um aspecto que considero significativo neste livro é que a história não tem fim. Então, existe a possibilidade de as crianças entrarem na história e se tornarem parte dela. E é assim que as crianças passam a entender essas perguntas; isso é muito valioso para mim. [...] *O livro é o começo para um grande universo de perguntas.* (DAMM, 2020, grifos nossos).

Tendo isso em vista, assumimos os pressupostos da teoria bakhtiniana e consideramos o texto escrito como uma unidade real do discurso, que em contato com outros textos pode ser compreendido e interpretado. Este trabalho se justifica, portanto, dentro da concepção de que a leitura se caracteriza como *interlocução* entre leitor e escritor, sendo o resultado deste diálogo a constituição tanto dos sentidos do texto que foi lido, quanto dos indivíduos que dele participaram ativamente e assim

[...] o leitor quando envolvido numa relação de interação com a obra literária, encontra significado quando lê, procura compreender o texto e relaciona com o mundo à sua

volta, construindo e elaborando novos significados do que foi lido. Só assim, a leitura pode contribuir de forma significativa numa sociedade letrada, no exercício da cidadania e no desenvolvimento intelectual (PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p. 32).

2 Fundamentação teórica

A apropriação da modalidade escrita da língua é, para além do desenvolvimento de habilidades de codificação e decodificação de símbolos gráficos, a apropriação da linguagem como um instrumento que permite a interação entre indivíduos histórica e socialmente situados. Nesse sentido, assumimos a alfabetização como um processo que visa formar indivíduos letrados, o que possibilita a sua inserção em esferas da sociedade permeadas pela linguagem escrita. Neste período, portanto, deve-se vislumbrar, como objetivo principal do ensino formal da escrita, a autonomia e a promoção de cidadania aos indivíduos que iniciam a sua jornada nesse universo de letras e embates.

Partimos, pois, do que é proposto na teoria bakhtiniana e defendemos uma alfabetização pautada no trabalho com o texto (GIOVANI, 2019). Com base no que escreve Giovani (2006, p.35), baseada no que escreve Smolka: a apropriação da escrita deve estar permeada pela construção de sentidos do texto o que envolve a interlocução de sujeitos que interagem dentro de determinado contexto social, histórico, econômico e político. É preciso, portanto, olhar para o período de alfabetização não somente como a “aprendizagem da escrita de letras, palavras ou orações” ou como “uma relação da criança com a escrita”, mas como o momento de primeiro contato da criança com *a cultura escrita*.

[...] desenvolver um trabalho inscrito no interior da linguística da enunciação propicia que a criança, em fase de alfabetização, aproprie-se não só do sistema alfabético de escrita, mas, compreenda e manifeste significativo conhecimento e principalmente autonomia com relação aos gêneros discursivos que circulam em nossa sociedade que é, segundo Bakhtin, a forma de manifestação da língua em enunciados, orais ou escritos, concretos e únicos, oriundos de sujeitos que circulam por inúmeras esferas da atividade humana [...] (GIOVANI, 2006, p.127-128).

Dessa maneira, em concordância com o que escreve Cerutti-Rizzatti (2016, S.n.), a apropriação dos códigos da língua escrita manifesta-se como a apropriação de um instrumento cultural, ao possibilitar o ingresso do sujeito alfabetizado em determinadas esferas da sociedade. A autora, baseada em pressupostos da teoria vigotskiana, defende que “[...] os anos iniciais têm a seu encargo criar condições objetivas, planejadas e consequentes para que o sujeito se aproprie de um dos mais importantes produtos culturais da humanidade, a escrita tomada nos usos sociais historicizados nas relações intersubjetivas”. Nesse sentido, o livro infantil pode ser um instrumento que possibilita esta apropriação, logo que, em suas páginas, edificam-se universos que refletem e refratam a realidade experienciada por quem escreve e por quem lê.

Partindo do pressuposto de que todo texto, como um enunciado concreto pertencente à cadeia discursiva, destina-se a alguém (BAKHTIN, 1997), o livro infantil tem como destinatário a criança. Por isso, este gênero discursivo caracteriza-se como um espaço lúdico, em que, através da dinâmica entre palavra e imagem, são contadas histórias (FERREIRA; LINO DE ARAÚJO, 2015). Neste espaço a criança constitui-se em diálogo com o que narra o escritor, a palavra do outro é colocada diante dela e, no processo de alfabetização, além de decodificada é apreendida. Ao contatar a palavra do outro, “[...] a criança entra em contato com seu mundo interior, dialoga com seus sentimentos mais secretos, confronta seus medos e desejos escondidos, supera seus conflitos e alcança o equilíbrio necessário para seu crescimento” (PAIVA; OLIVEIRA, 2010, p, 26). Isto significa que a leitura, em uma perspectiva dialógica, é concebida como encontro entre indivíduos históricos e sociais, que enunciam em determinado lugar e de determinado tempo, e o ato de ler, como um processo de construção de sentidos a partir deste encontro.

Em suma, dentro deste diálogo, não somente constituem-se os indivíduos em interação, como também, os sentidos da linguagem escrita. Dessa forma, em consonância com o que escreve Queiroz (2012, p. 21), fundamentada nas concepções de Benjamin e Corsaro, a criança que está apreendendo a cultura escrita através da literatura, “[...] não se limita a internalizar a sociedade e a cultura, mas também contribui ativamente para a produção e a mudança da cultura”, a autora ainda acrescenta que “[...] a criança tem um papel próprio e significativo na constituição das esferas sociais em que transitam, sendo capazes não só de interagir, mas também de alterar esses territórios sócio-históricos no tempo e espaço [...]”. Portanto, aproximamo-nos de Camargos e Giovani (2020) e defendemos que a criança em período de alfabetização, não apreende a palavra escrita de maneira descontextualizada – dicionarizada ou gramaticalizada – e a reproduz, mas sim se apropria da palavra escrita através enunciados escritos reais e vivos, dando novos sentidos a ela a partir do lugar e do tempo em que se insere.

3 Metodologia

Com o objetivo de investigar a apropriação da língua escrita por crianças em período de alfabetização desenvolvemos e analisamos uma proposta de exercício prático, realizado com duas crianças de sete anos, que cursam, no ano de 2021, o segundo ano do Ensino Fundamental. Partimos, pois, da premissa de que todo texto, como um enunciado concreto, é produzido dialogicamente e, dentro do diálogo, pode ser compreendido, interpretado e respondido, por isso, faz-se necessário adotar uma metodologia que nos oriente “[...] no

emaranhado de complexidades que a linguagem comporta [...]” (GERALDI, 2012, p.23).

Esta escolha deve permitir a interpretação do texto produzido por sujeitos reais sem monologizá-lo, isto é, sem tirá-lo do diálogo estabelecido no contato com outros textos. Em consonância com a concepção adotada neste trabalho, a metodologia do paradigma indiciário, desenvolvida por Carlo Ginzburg (1989), mostra-se um caminho profícuo que permite investigar – por meio do cotejo – o texto de maneira singular e contextualizada. Acerca disso, Geraldi (2012, p.35) destaca que esta metodologia permite formular hipóteses a partir de indícios, isto é dos detalhes que são investigados pelo pesquisador a fim de construir um caminho interpretativo que permita confirmar as hipóteses formuladas acerca do texto que é pesquisado.

Estabelecida a metodologia que nos vai guiar ao longo do caminho interpretativo que propomos construir, selecionamos, para o exercício de aplicação, o livro “A Visita”, de Antje Damm. Após essa escolha, a história foi lida para duas crianças de sete anos, em fase de alfabetização, aqui chamadas de P. e L.. A leitura com P. foi realizada presencialmente na tarde do dia 12 de abril de 2021, enquanto a leitura com L., foi realizada via web conferência, em um espaço disponibilizado pela mãe da criança na plataforma *WebConf*, na manhã do dia 13 de abril de 2021. Após a leitura do livro, foi pedido para que as crianças imaginassem um final para ele, a comanda feita, portanto, foi a de que eles escrevessem e desenhassem o final imaginado. Os resultados desse exercício foram analisados a partir da metodologia adotada e brevemente explicitada acima.

4 Resultados e Discussão

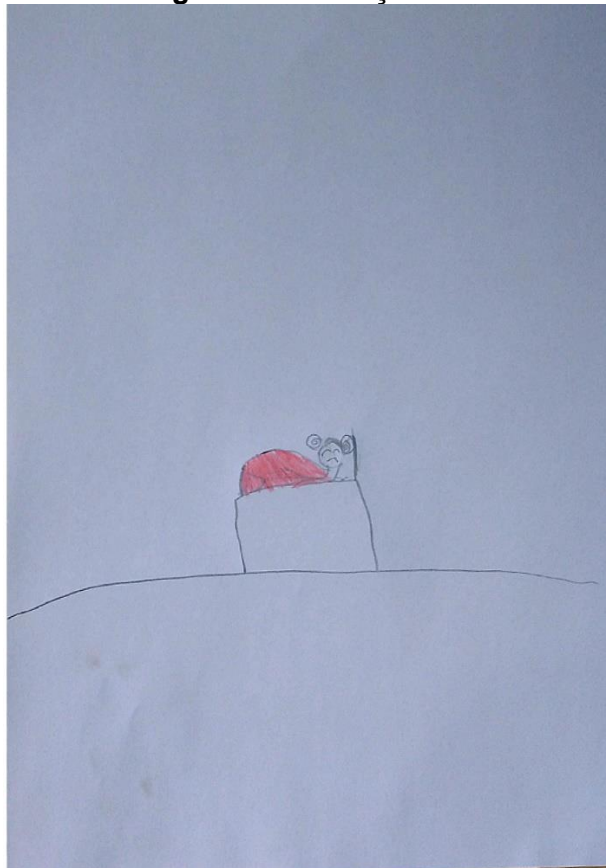
Antes de relatarmos como se deu a interação com as crianças e analisarmos as suas produções escritas, consideramos necessário explicitar, mesmo que brevemente, o enredo da história que foi lida. Em “A Visita”, narra-se sobre o encontro de uma velhinha medrosa, chamada Elise, e uma criança que perde seu aviãozinho de papel, Emil, desse encontro nasce uma amizade, que dá cor à vida de Elise, o que transforma seu medo e solidão. Como descrito pela autora, a história não tem fim, cabe ao leitor imaginar o desfecho do livro. Em vista disso, o trabalho com essa história possibilita que a criança se coloque diante da narrativa e construa seu final de maneira ativa. Dessa forma, o pressuposto de que “a Literatura Infantil contribui para a formação do leitor literário quando a obra-literária propõe indagações ao leitor, estimulando a curiosidade e, instigando assim, a produção de novos conhecimentos” (PAIVA; OIVEIRA, 2010, p.34), pode ser confirmado.

4.1 Relato de leitura com P.

P. é estudante da rede municipal de ensino do município de Siderópolis (cidade do extremo Sul de Santa Catarina) e seu processo de alfabetização iniciou no ano de 2020, durante a pandemia do vírus Covid-19. Sem o acompanhamento da professora alfabetizadora, ao longo do ano letivo de 2020 e do início do ano de 2021, P. recebeu somente materiais impressos que continham as atividades que deveriam ser realizadas por ele, contando somente com o auxílio dos pais.

Partindo para o exercício prático, após a leitura da história, P. definiu, oralmente, como final do enredo: “Estava de noite, então ela [Elise] foi dormir”. Ao ser feita a comanda de escrever este final, P. negou-se a escrever, mas aceitou fazer um desenho (Imagem 1), com a condição de que e o tio, presente no momento da interação, o acompanhasse. Este foi instruído a não interferir na produção da criança, auxiliando-a somente na entrega de lápis de cor, no manuseio do livro infantil e motivando a criança a desenhar, pedindo que P. explicasse o que estava fazendo, sem auxiliar quando a criança pedia por ajuda.

Imagem 1 – Produção de P.



Fonte: SOUZA; GIOVANI, 2021

Ao retomar a experiência de leitura, o diálogo com P. e seu desenho, percebemos que

ele não reproduz uma cena já existente do livro para usar como final, nem utiliza as cenas finais da história. Portanto, ao ser motivada a imaginar qual seria o final da narrativa, a criança retoma o fato de que anoiteceu durante a história e infere que a personagem deve ter ido dormir,. Isso indica que P. apropriou-se de determinados acontecimentos da narrativa para construir o seu final, bem como insere na história um novo cenário: o quarto de Elise.

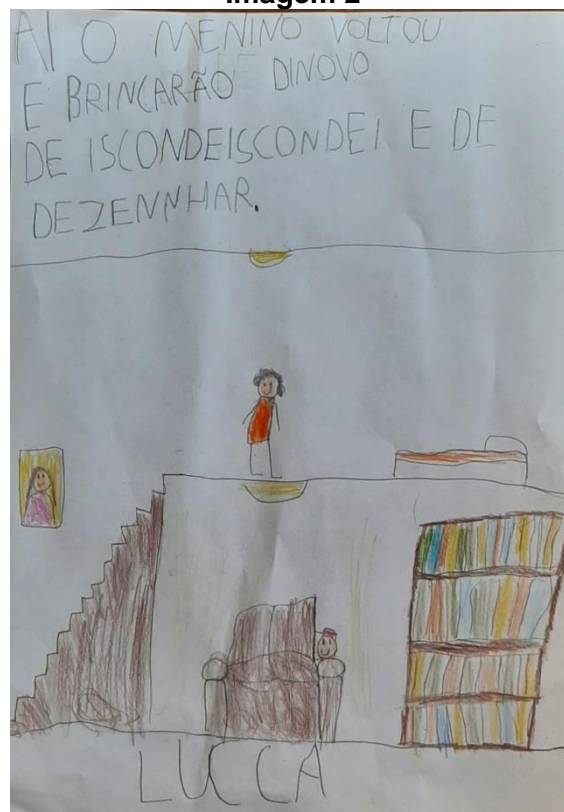
Não obstante, é possível notar nas falas de P., que este já reconhece as letras como constituintes das palavras e, ao ser motivado a escrever *do jeito que ele achava que é o correto*, P. demonstra saber que a escrita não é arbitrária e que existe uma forma correta de representar as palavras. Finalmente, volta-se o olhar para as cores usadas no desenho da criança como uma apropriação das cores do livro: é usado o vermelho (cor predominante na personagem Emil) para colorir a personagem Elise, esta retratada desde o início da narrativa com cores acinzentadas.

4.2 Relato da leitura com L.

L. reside no município de Florianópolis e é estudante do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Suas aulas, neste período atípico, consistem em encontros semanais com a professora em ambiente virtual. Vale ressaltar que seu processo de alfabetização iniciou, também, no ano de 2020, durante a pandemia causada pelo vírus Covid-19.

Partindo para a interação, L. demonstrou se interessar por livros infantis e consumir literatura desde pequeno – isso se dá por influência de seus pais. Sua mãe é, formada em Letras e, além de ter tido experiência como alfabetizadora, é pesquisadora nesta área. Sobre a proposta de atividade, L. não demonstrou resistência diante do pedido de uma produção escrita e determinou como final da história o que pode ser visto na Imagem 2: “ai o menino voltou e brincaram de novo de esconde-esconde e de desenhar”.

Imagem 2



Fonte: SOUZA; GIOVANI, 2021

Percebe-se, portanto, a partir do diálogo com L., que ele já reconhece aspectos formais da modalidade escrita. E, para além destes aspectos, L. também interagiu com a história para desenvolver o seu final, retomando detalhes das ilustrações da narrativa, o que fica evidente no movimento de escrever e desenhar o seu final. A criança, enquanto redigia sua produção, conta que desenhou um sofá, uma estante cheia de livros, Elise na parte superior da casa, em seu quarto, procurando Emil, enquanto este estava escondido atrás do sofá. L. desenha também a escada da casa de Elise, o quadro para o qual Emil aponta em uma das cenas do livro e, ao lado da escada, desenha uma estante cheia de livros. L. também colore a personagem Elise com a cor vermelha e a coloca em um cenário que não foi ilustrado no livro: seu quarto.

5 Considerações Finais

A escrita das crianças em resposta ao texto lido evidencia o caráter dialógico da interpretação e construção de sentidos para a história. A palavra do outro não foi simplesmente decodificada e repetida pela criança, mas sim foi apropriada e reinventada. O livro infantil mostra-se, portanto, como um instrumento que potencializa a apropriação da modalidade escrita da língua e, quando trabalhado a partir da perspectiva enunciativa, estimula a criança a expressar a sua compreensão, bem como a dar sentido a obra literária a partir do lugar que ocupa no mundo.

Tentamos evidenciar, fundamentadas sob a perspectiva bakhtiniana, que a literatura infantil contribui para a formação de leitores literários ao propiciar, na leitura, o encontro e a alternância de vozes de sujeitos singulares, que carregam suas histórias e percepções sobre o mundo e, por meio da linguagem, expressam-se. Nesse sentido, trabalhar com as obras literárias, a partir desta perspectiva, estimula a apropriação ativa e responsiva da linguagem escrita, bem como se mostra um meio de constituição da subjetividade, da autonomia e da cidadania dos sujeitos que estão “aprendendo a ler e a escrever”.

Referências

BAKHTIN, M.. Os Gêneros do Discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

CAMARGOS, M. L.; GIOVANI, F.. Reexistência e portunhol: fronteira e linguagem no contexto da pandemia de Covid 19. In: GEGe (Org.). **Palavras e contrapalavras: cadernos de estudos XII**. 1.ed. São Carlos: Pedro & João editores, 2020.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E.. **A apropriação da escrita como instrumento cultural**. In: FLORIANÓPOLIS. VI Congresso de Educação Básica, 2016.

DAMM, A.. **A Visita**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

_____. **Filosofar com crianças é fazer perguntas sem dar respostas** [entrevista concedida a] Kadija de Paula, Itaú Social: Notícias, [S.l.], Nov. 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/antje-damm-filosofar-com-criancas-e-fazer-perguntas-sem-dar-respostas/>>. Acesso em: 25 Fev. 2021.

FERREIRA, A. A. S.; LINO DE ARAÚJO, D.. **A cor como elemento narrativo no livro infantil**. Anais Eletrônicos do Selimel, 2015.

GERALDI, J. W.. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGe. **Palavras e contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana. São Carlos: Pedro & João editores, 2012.

GIOVANI, F.. **O texto na apropriação da escrita**. 147 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2006.

_____. **Coeduca**: o enfoque prático da alfabetização como um processo discursivo. São Carlos: PNAIC UFSCar, 2019.

GINZBURG, C.. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

PAIVA, S. C. F.; OLIVEIRA, A. A.. A literatura infantil no processo de formação do leitor. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, v.4, n.7, p. 22-36, Jan./Jun. 2010.

QUEIROZ, H. A. **O jogo literário**: espaço, função e reverberação da literatura na formação do leitor na infância. 140 f. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.